

[Entrevistador] Gravando.

[Entrevistador] Gravando. Tá gravando? Então eu vou bater aqui a paqueta. Tá aparecendo minha mão? Sim.

[Entrevistador] Gravando. Boa tarde. Eu me chamo Evelyn. A gente faz parte do programa Patrimônio para Todos. A gente quer conhecer um pouquinho mais sobre você e sobre esse lugar também, que parece maravilhoso. Eu quero saber o nome de vocês e também o nome desse lugar?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu me chamo Cirlei Rodrigues da Silva. Eu me chamo Cirlei Rodrigues da Silva. É conhecido como Mãe Bia de Pombagira. E a casa aqui é Centro Espírita de Umbanda, General de Brigada e Rainha Pombagira.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu me chamo Paulo Ricardo Rodrigues da Costa. Sou conhecido como Pai Ricardo de Xangô. E, além de eu ser zelador do Centro Espírita de Urbana General de Brigada, a gente também faz parte da diretoria da Associação Cultural Afro-Brasileira Padrinho de Aruanda.

[Entrevistador] Por que esse lugar, o terreiro, é especial para vocês?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu, pelo menos. Eu já nasci assim, né? Chorei da barriga da minha mãe e fui taxada como louca. eu dei alguma sessão espírita, também fui para Eu fui para a escola dominical, dos evangélicos, não dei bem lá. Meu pai me botou para estudar no Bom Pastor, que era um colégio só de freira. Onde ficava ali do lado do liceu, que hoje depois foi o presídio das mulheres. E hoje lá tem um monte de prédios. E depois eu fiquei muito doente. Aí fui levada para um centro de Umbanda, né? Da qual eu, católica, eu fazia parte de todo mês de maio aquela...procissão. E numa dessas procissões eu desmaiei. Desmaiei e eu fui levada para casa. Meu pai queria me levar para o hospital. Chegou uma mãe de santo, botou a mão de cima e disse, não, se você tirar essa menina daqui, você vai matar ela. E foi onde eu vi um cavalo branco, chegar, me levar, cavalo de asas. Me ajudou até a subir e daí então eu conheci toda a hierarquia da Umbanda, né? que foi o cemitério, depois as águas, depois uma rocha bem alta, uma serra, depois os índios. E lá, eu desmaiada, lá os índios fizeram tipo um remédio, né? E me deram.

Aí eu me levantei e fiquei. Eu sei que em três dias eu retornei em casa. Aí foi onde começou tudo, né? Me levaram. E nisso, ao todo de desenvolvimento de mãe de santa com 43 anos. Foi muito difícil, porque eu não sabia o que era aquilo. Mas quando baixou em mim, eu já sabia o que era. E foi assim onde tudo deu início. Depois que eu fiquei mãe de santo, eu não queria terreiro, mas eu fui obrigada a tomar conta do terreiro, junto com o Ricardo, o pai Ricardo, da qual a gente juntos, sempre com união, pegando na mão, a gente fez aqui o nosso império. E desse império a gente tem vários filhos de santos, que são importantes por demais, cada um deles.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Só complementar aí, que a mãe Bia disse tudo, mas vou fazer um complemento. Esse espaço é um espaço de acolhimento. É um espaço onde a gente pode trabalhar a espiritualidade de quem precisa, que busca, o encontro com o sagrado, né? E também é um espaço onde a gente, está a nossa ancestralidade, né? O local onde a gente pisa aqui, onde tem tudo a ver com o que a gente vive hoje, né? Então, assim, eu acho que esse espaço de acolhimento, esse espaço de luta e resistência, é importante a gente estar aqui na periferia, né? E é isso. Para mim, esse espaço é esse, né? Esse local sagrado.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] E nós somos muito procurados, né? Principalmente com as depressões hoje, que estão altíssima. E a gente procura fazer aqui o espaço mais de levante e cura. Eu trabalho muito com ervas medicinais. Então, a partir daqui, as pessoas já têm um melhoramento, tanto de vida como de saúde. Porque saúde não é só você estar doente de corpo. A saúde é onde você está preocupado, onde você está desempregado, onde tem alguém drogado na sua família. Isso aí não só adoce aquela pessoa que está usando, como toda a família. Então precisa curar sobre isso aí e ter o entendimento de que realmente é a realidade, não é brincadeira.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] É o sério mesmo, é a espiritualidade mesmo.

[Entrevistador] Qual a história mais antiga ou curiosidade sobre o terreiro?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] O terreiro, a mais antiga? Eu acho que foi a construção da casa de Pai Luiz, né? Que é o meu preto velho, da qual todo o sangue do meu cunhado tinha coagulado, taxado como morto. E eu pedi muito, chorando de braço posto, né? E o meu preto velho mandou eu me levantar, que a história dele não terminou ali, que ele ia viver. Bastava dizer que amava ele. E a minha irmã

chorando muito, foi lá dizer, né? Com os anos que passaram, o meu sobrinho passou em primeiro lugar naquela faculdade de Harvard, né amor? [fala simultânea] A faculdade dos Estados Unidos, né? Que foi tudo lá pelo presidente, né? E ele viu a glória. E a vitória foi em um menino ter se formado. E ele vive até hoje.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] O que eu tenho aqui a acrescentar, foi interessante quando a gente resolveu, através... da espiritualidade colocar o terreiro, que a gente não imaginava em colocar terreiro. Viver uma vida normal. Mas aí a gente fez um... a entidade pediu, o Nego Gesso, pediu para a gente fazer um local onde a gente pudesse agregar as pessoas. E a gente fez lá no outro espaço que a gente tem ali, Depois, se vocês quiserem conhecer, podem até conhecer. Estarão bem-vindas. E aí, a gente começou a colocar aquelas bandeirinhas de enfeite lá no terreiro, E a gente ia colocar o terreiro do Nego Gesso, porque foi ele que deu o recado, né? E a gente sem entender, aí a gente, ó, o terreiro vai ser a casa do Nego Gesso, né? Centro Espírita de Umbanda, Nego Gesso Feiticeira, aquela coisa toda. Aí, de repente, a gente se preparando assim para fazer a primeira gira, né? De repente, o terreiro começou a pegar fogo, né? Aí eu tinha uma pessoa que ajudava a gente. Nessa época a gente não tinha nem filho de santo, né? Aí a pessoa... Ó, tá pegando fogo o terreiro, aí a Bia foi pra lá, chegou lá, começou assim a pegar um cabo de vassoura e começou a apagar o fogo e tal, aquela coisa toda, e a gente conseguiu apagar o fogo, aí a gente, o terreiro não é do Nego Gerson, o terreiro vai ser do General de Brigada, né? Assim, uma coisa que me marcou muito foi isso aí, foi o começo, né?

[Entrevistador] Quais atividades ou encontros acontecem aqui?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Atividade de terreiro? As atividades são as grandes festas que a gente faz, da qual todos os filhos sempre estão juntos. E tem os cruzos, que é uma elevação espiritual, na qual eles passam três dias recolhidos, comendo numa bacia de barro, com uma colherzinha de pau, arroz sem sal, um peito de frango ou um filé de peixe. E depois estão preparados para poder receber o cruzo, que são sete cruzes para se tornar pai ou mãe de santo. E tanto eles entram em preceito, que é todos de branco, não pode sair do terreiro, não pode receber visita e muito menos celular. Então isso aí é uma atividade. Aí tem as festas. Primeiramente a festa de Dona Pombagira, que é em janeiro. Aí depois vem a do Pai Luís de Aruanda, que é uma senzala. Todos têm que fazer 32 tipos de comida na casa. Os aluá, que são cinco dias fazendo, até chegar o dia da festa. E tem aí a

lemanjá, né? Na qual a gente se mobiliza para fazer essa grande festa de lemanjá. Depois tem a das crianças, né amor?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] E fora os trabalhos sociais que a gente faz, né? Através da Associação Pai Luís, né? A gente faz um trabalho social aqui com a comunidade, que é o projeto Ceará Sem Fome, né? Do governo do Estado. Também nós fazemos uma parceria muito grande com o SESC, né? o qual nós fomos os primeiros terreiros a entrar no Sesc Povos do Mar. A gente foi o primeiro terreiro a entrar no Sesc Povos do Mar e abriu as portas para outras casas, né? A gente está conosco. Também fomos os primeiros a entrar no Sesc Herança Nativa, né? E o trabalho com o Sesc também do Mesa Brasil, da Capoeira, né? Que ela é coligada com o Sesc, né? Fora os seminários que a gente faz, né? Esse ano a gente fez um seminário, aí o qual a gente convidou várias pessoas de outras religiões, de outros segmentos, né? Foi um interreligioso, um seminário interreligioso, o qual a gente... O pessoal gostou, inclusive, autoridades que estiveram aqui presentes e gostaram muito desse momento. [fala simultânea] E é isso, a gente procura sempre quebrar todos os preconceitos, que o nosso terreiro é um terreiro, que ele não é só um terreiro de se bater o pé no chão. Tem toda uma estrutura fora isso aí, porque a gente toda a vida trabalhou para isso. A gente sempre acreditou que o terreiro é o local que venha às nossas entidades, mas também que a gente pode levar também para a comunidade.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] A comunidade venha para cá.

[Entrevistador] Como vai estar ligada a memória da comunidade?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu acho através do Marco Zero, porque aqui é um local onde chegaram os escravos aqui. Aqui, quando chegou os escravos, já tinha uns índios, né? Você vê que é um território onde tem vários nomes de índios aqui, né?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] [fala simultânea] Várias ruas.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Várias ruas aqui, tem vários nomes de índios. [fala simultânea] Peri, Cesi, né? Vários índios que aqui pisaram, que aqui lutaram. Então, assim, eu me sinto muito feliz por estar aqui nesse território, né?

[Entrevistador] Houve alguma transformação significativa nesse espaço ao longo dos anos?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Como é?

[Entrevistador] Houve alguma transformação significativa nesse espaço ao longo dos anos?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Só o que houve, né? Porque, é bem dizer, a gente começou... Dá pra cá. A gente começou... por começar e hoje a gente chegou num patamar que hoje somos referência. E a referência é daqui, desse local. A gente tem muito a ver com o local que a gente está.

[Entrevistador] Como as pessoas da comunidade cuidam ou protegem esse lugar?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu acho que que vindo, né, participando, né, estando aqui conosco em qualquer momento que a gente está, eles estão aqui conosco, né. Então, assim, eles nos protegem, né, porque a comunidade, tanto dentro de um espaço desse, o qual todo mundo acha que é demonizado, né, infelizmente, dentro de uma sociedade, né, preconceituosa, né, e eles abraçar, né, Eu acho que nós estamos guardados, né? Por eles, né?

[Entrevistador] Quais sentimentos vocês têm quando estão nesse espaço?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Sentimento? Ah, gente, aqui brota o amor. E esse amor é assim, infinito. Eu sou muito briguenta quando fala-se mal da Umbanda. E quando a gente não consegue o que tem de conseguir. Quando a gente não tem o apoio. Então isso aí dói, dói, mas dói mesmo. Porque o amor por aqui é grande. O amor vence tudo e todas as coisas. Seja lá o que for. Mas se você tiver amor, você vence. Para você ter uma ideia, nem uma macumba que botar num relacionamento que você tiver. A pessoa lhe ama. E você amar a pessoa, não atinge. Então é só o amor.

[Entrevistador] Se esse lugar pudesse falar, o que ele diria?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Como é?

[Entrevistador] Se esse lugar pudesse falar, o que ele diria?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu acho que ele diria que estava muito feliz e que ia sempre botar a mão aqui em cima para que a gente fizesse, não melhor, porque a gente dá de tudo para ser o melhor. Então, eu acho que ele abraçava todos nós e que ia dar mais força, ia facilitar mais as coisas, onde a gente podia tentar fazer o melhor dos melhores.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu acho que ele está feliz, porque só a gente está aqui e eles aceitam, porque tudo é por eles. Se eles não querem, a gente não está. Então, se eles estão aqui, que eles olham e nos colocam a mão e nos abençoam, é porque nós estamos fazendo a coisa certa.

[Entrevistador] Como vocês imaginam esse lugar futuro? Como você imagina esse lugar no futuro?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Eu acho assim, porque o terreiro é ancestral. Ele tem a oralidade que a gente passa para os filhos. E a gente não quer deixar morrer, a gente quer que continue. A gente já tem alguns filhos de santos, que a gente trabalha isso, para que não perca essa... Essa memória é nossa, né? Quem sabe até um dia a gente possa construir um memorial aí da gente, né? E deixar aí para quem quiser visitar, né? Porque será muito interessante para nós, mas nós não queremos deixar a memória desse local morrer.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] E muitas vezes a gente exige dos filhos para que faça o certo. Até porque eu sou muito detalhista em tudo. Então eu queria que os filhos fossem assim. Porque é para depois não fazer algo errado e dizer que é filho de santo de mãe Bia e pai Ricardo.

[Entrevistador] Muito obrigada. A gente está chegando ao fim da entrevista, só queria fazer mais uma pergunta para as pessoas que queiram visitar o terreiro, que queiram conhecer, para vocês poderem dar uma mensagem para essas pessoas?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Que sejam sempre bem-vindos, as portas estarão abertas aqui, para quem quiser conhecer, que nem muitas vezes a gente sempre está fazendo oficinas, a gente já convida a comunidade, porque também é um empreendimento para eles, e é gratuito. É só vir aqui conversar, se tiver algum curso que a gente não tenha, a gente pode tentar providenciar para que as pessoas se sintam à vontade e em casa. É que nem eu digo, gente, aqui é a segunda casa de vocês.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] [fala simultânea] E acolhida, né?

[Mãe Bia e Pai Ricardo] É, acolhida. Atendemos aqui qualquer hora, não tem esse negócio de horário, a não ser que a gente não esteja em casa. Mas toda hora que bater, quiser fazer a visita, toda gente está aqui, no aguardo.

[Entrevistador] Bom, gente, muito obrigada por isso de verdade. E foi muito importante a gente já aprender um pouco sobre vocês também.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Nós aqui agradecemos. Para os meus filhos aqui.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] [fala simultânea] Tudo abençoado. Que ilumine esse trabalho de vocês, que procurem crescer cada vez mais. É que nem eu digo, é com amor. Porque se você for uma profissão que você não tem amor, nada vai sair certo. E você fazendo com aquele amor, aquela fé, aquela esperança, vocês vão chegar lá. Vocês precisam escrever a história de vocês. Eu acredito que vocês não vão esquecer, porque vocês estão no início e será o início de muitas coisas boas para cada um de vocês, viu.

[Mãe Bia e Pai Ricardo] Salve, salve!